

E fazendo agora as contas, há mais de quinhentos anos que nossos avós baptizaram esta terra, começaram a arroteá-la e a povoá-la, prendendo-a pela fé, pela fala e pelo amor ao coração e à alma de Portugal.

Oh! milagres da Grei Antiga!

6 de Junho de 1940.

LIDAS DO LEME E DO ARADO

CASIMIRO, AFAMADO TRANCADOR

NAS lidas do arado e do leme, os açorianos entregam ao trabalho tôdas as fôrças do corpo e da alma. Mal os interrogamos, trasbordam de sincero entusiasmo em suas narrativas, procurando sempre certificar-nos da verdade, mas sem deixar seu crédito por mãos alheias.

Êste Casimiro da Cunha, mestre de lancha, de 55 anos, foi pescador e sapa-teiro fora da época da safra, e moleiro catorze anos a fio.

Pequeno, acaçapado, nervoso e comunicativo, tem a sua história e nela por

certo o mais prezado de todos os haveres do seu património:

— Há trinta anos fui à pesca, e desde os dezassete que embarcava.

Um dia os do Pico vieram disputar baleias aos graciosenses. Já havia na vila a Companhia e para ela trabalhávamos; mas os do Pico que vieram, pescavam cada um para si.

Certa manhã, apareceu uma baleia na banda do Norte. O bote do Pico ficou-lhe ao lado. Podia arpoá-la: êle é que a tinha. Descuidou-se e não o fez a tempo. Então eu que era de mais longe, pela frente da proa do bote do Pico, tranquei o cachalote!

O Mestre dêles começou então a chamar-me nomes, para me rebaixar:

— Olha, estás a ver aquêlo cação de carro aonde veio trancar a baleia que era nossa! Rosalgar!

Não me importei.

A baleia era de vinte e cinco a trinta barris. Pequeno bicho. Quem me dera nesse tempo! Hoje não se faz

partida nenhuma, nem êles a nós, nem nós a êles. Quando agora vêm, fazemos sociedade. É uma questão de harmonia. Sem isso, êles não querem vir cá.

Naquele tempo era bicudinho. Os picarotos que aqui vêm, são os das Ribeiras. Os das Lages têm-se por mais que os das Ribeiras, mas vê-se que são a mesma coisa. É obra do calhar. Mas em questão de pescarias, nesse sentido, os do Pico são melhores do que os de cá. É certo.

Ainda quando era rapaz, no bote do mestre Vital, arreámos oito vezes uma baleia nas bandas do Norte. Quando nos aproximávamos a três braças de longitude dela, menos não pode ser, logo mergulhava.

No fim de nove vezes é que foi arpoada. Fui eu que a tranquei.

Tinha 21^m,5 e produziu 99 barris de azeite. Foi a maior que ainda cá veio na barra da Graciosa.

—E ganham bastante por êsses trabalhos e riscos?

—O marinheiro ganha uma soldada, o arpoador, soldada e meia, o oficial (mestre do bote), duas soldadas.

A soldada tira-se do valor da baleia, e é a meias: metade para a Companhia e metade para os marinheiros.

Os prejuízos no bote, nas linhas, arpões, etc., são da conta da Companhia. Ela tem o dinheiro, nós temos os braços. Ela sem nós e nós sem ela, não fazíamos nada, e era um regalo para as baleias, o senhor bem vê. . .

Outra vez as baleias foram vistas aqui e corremos atrás delas. Era um cardume que se dirigiu para o lado do Carapacho. Tranquei uma delas, e depois de estar ferida, deu uma pancada na quilha e partiu o bote. Mastros, pano e remos, foi tudo amarrado ao banco do meio para não revirar o barco. Depois chegou outro bote e perguntou:

—Que fazeis aí?

O mestre do bote, Vital Maria, respondeu:

—Estamos bem, ide trancar uma das soltas.

Meu irmão, José Pacheco, trancou outra, mas ela correu sempre para fora e nunca mais a vimos. Êle continuou a correr, a correr, e matou-a sozinho.

Quando foi por nós encontrado, já vinha com ela de reboque.

E a nossa—lá nos agüentámos em cima do bote quebrado, ela ficou pertinho, porque estava pisada dos arpões. O bote via-se raso de água e assim nêle ficámos durante horas, até que chegou o gasolina a salvar-nos.

Uma e outra eram para aí de vinte e cinco barris.

Aquilo é um animal covarde. Se fizesse fôrça, e nem sabe que a tem, ninguém lhe podia resistir.

O bote de meu irmão é *Senhora da Ajuda*. Há sempre promessas de quem vai para o mar. Às vezes, quando

há sorte, dá-se um casco de azeite a Nossa Senhora da Ajuda. O trabalho é como calha: umas morrem logo, quando a lançada lhes vai ao coração; outras ficam a bufar sangue. Arpoada ao coração, morre a baleia de instantâneo; outros casos, passam horas prêsas à linha, sem morrer. Até levam a linha tôda do bote. E é um pesar! Vão morrer lá pelo mar, e quando dão à costa, estão podres. Nada se aproveita.

Esquecia-me de dizer que levamos arpão, lança, linha e a espeira para fazer o buraco para arrastar. Para as trancar, puxam-se duas braças de linha e já é muito. Fixa-se um pé na borda, e outro encostado, lança-se o arpão. Quando ela levanta a cabeça e fica selada no meio, pode-se-lhe dar com o arpão em cima que não entra, mesmo que seja a malho de ferro.

—E tinha gôsto de ir ao mar, correr todos êsses perigos?

—Não é por gostar da vida, que aquilo é uma sepultura aberta. Mas é

preciso sujeitar-se, para ganhar alguma coisa.

E fitando em mim os olhos redondos e brilhantes, com a saúde e orgulho de seu sangue marítimo, acrescentou:

—Ainda mesmo assim, apesar de velho, se me deixassem ir...

...E ainda não perdi a fé de ir algum dia...

8 de Junho de 1940.

MESTRE VITAL

Esta fiel testemunha de trabalhos e perigos das águas, chama-se Vital, é o mestre Vital Maria Pereira, de 64 anos, natural da Graciosa, tesoureiro da matriz da vila no tempo da Monarquia.

Quando veio a República, informa êle, tiraram o ordenado ao padre que logo lhe participou só poder ficar com um dos dois irmãos em serviço na igreja.

—Ficará meu irmão; eu vou ver de vida. Fui então para o mar, há trinta anos. Ainda sou sacristão, quando é preciso. Sei cantar.

Endoenças da Semana Santa, onde as fazem, sempre me chamam e vou por tôda a ilha. Um ano aqui, outro em Guadalupe, outras vezes na Luz.

No mar entrei para a Companhia da baleia. Dos que a fundaram, já poucos são vivos.

—É no tempo em que não há baleias tem de ganhar a vida por outros meios, está claro, adiantou a minha curiosidade.

—Baleias há-as sempre. O bom tempo é que falta. Aquilo não é peixe, é um animal, chamam-lhe mamífero. Já vi a mãe baleia a dar de mamar aos filhos. Como qualquer outra mãe, coitada! As pequeninas não se podem trancar; é proibido. Nem têm óleo. É uma perfeita morraça, parece leite. Já uma, certo dia na Barra, depois de morta, pariu um cafre. Destas nada se aproveita. Elas alimentam-se da

lula. Quando se vê um cardume de baleias, com certeza está próximo um banco de lulas. Se elas aporfiam, é porque ali acham de comer.

Mergulham, comem a lula lá no fundo, abrem o carrinho e a lula vem pousar sôbre o carrinho. Quando sentem que está pesado, mastigam contra a cabeça e engolem. O carro tem 45 ou 47 dentes, e êstes dão marfim com que se faz muita obra: botões para camisas, paliteiros, boquilhas, navetas de renda, e outras coisas.

A fêmea, o mais que pode produzir, são 45 barris e cada barril leva 31 e meio galões (medida americana). O macho o que pode dar são 110 a 120 barris. Já apanhamos um macho de 25 metros; as fêmeas andam por 12 a 15 metros. O macho é uma abundância!

Agora, o melhor de tudo é a baleia enjoada. Chama-se assim o macho que já não quer saber das fêmeas, vive longe do cardume, só engorda e não se gasta... São *meninos* capazes de estar três quar-

tos e uma hora debaixo de água, e a gente à espera para os trancar.

Se não fôsse a restrita obrigação de vir tomar fôlego, ninguém mais os via, ficavam lá no fundo. Levavam-nos os aparelhos todos e nunca mais se descobriam. As baleias-machos no vigor da vida, chamam-lhe aqui *bulos* ⁽¹⁾, cardume de bulos, mas êstes têm menos óleo. Elas vivem muito, e podem durar 400 anos, se as deixarem viver, está claro.

Os machos reprodutores dão pouco azeite. São novatos, e andam lá por aquelas folias... O senhor bem compreende...

Mestre Vital continua a lição:

—Sente-se o alarme da baleia na buzina, lá no Monte da Senhora da Ajuda, e é como quem vai para a guerra. Correr, correr aquêle que mais pode.

(1) Talvez de *bull*, toiro?

Não se procura ir a casa, nem de comer se arranja. Vamos para o barracão onde estão os botes. Trata-se de os arriar. Cada qual cuida do seu. Cada um leva o oficial, o arpoador e cinco marinheiros: sete homens por barco. É um desafio entre todos.

Os barcos são também de sete remos; os seis da embarcação e o remo do govêrno, chamado esparrela. Êste é o do oficial que dirige tôda a manobra. Sendo o barco de pano, tem o leme no seu lugar, o leme de fazer govêrno. O bicho é para todos, mas há sempre o gôsto de o apanhar. O lugar, cada um tem o seu. Não se tira, mas, às vezes, o mais próximo do bicho não é o melhor. Bem vê, é preciso trancar nos sítios próprios: no vão, na caixa, de maneira que a baleia não veja, nem oiça. Parece impossível que um bicho, um monstro, seja tão fino a ver e a ouvir! O ôlho é pequeno: o mais que pode ter, é uma polegada. Elas deitam-se de lado, desconfiam—com um ôlho para o céu, outro para o fundo. Anda-se à

roda. Se vê o barco, mergulha e foge. É um bicho que não sabe a força que tem. É covarde. Se tivesse coragem... misericórdia!

Quando se vai a trancar a baleia, tem de se ir de sotavento, para depois se poder fugir, porque ela volta-se sempre para o lado da faca.

Ela atira e atira bem, com o rabo, ou mesmo com a cabeça.

Os botes levam duas celhas de linha (corda), de umas duzentas braças.

Para as ligar, faz-se uma costura e fica uma corda inteira. Uma ponta amarra ao arpão, e, enquanto passa da celha para o cepo, daqui segue para a proa. A baleia ferida começa a puxar; às vezes vai para o fundo e a linha começa a desenrolar-se com tal rapidez que chega a levantar chama, lume vivo no cepo. É preciso deitar então água e mais água para molhar a linha.

Levam-se também três arpões e três lanças, a bússola ou agulha de marear e a caixa de luz (lanterna), para quando

a manobra se prolonga pela noite e é preciso fazer sinais a outro bote, ou voltar para terra. Vão também a faca e machado, para o que fôr preciso...

Um dia, de verão, tínhamos já a baleia trancada. Iamos lançá-la, quando ela atirou uma pateirada com o rabo que nos partiu o bote. Fomos três ao mar, o oficial e dois marinheiros, onde lá quebrei a clavícula e a canelinha da perna esquerda. Estive de cama mês e meio.

Outro ficou ferido na cara, e o terceiro que caiu ao mar, não se pisou.

Tivemos de cortar a linha, porque não estávamos em condições de trabalhar.

Foi um pesar. Mas contra a força, não há resistência. Depois do ganho, vê-lo perder! Ficamos sem nada! Era uma baleia pequena, dezóito anos há que isto foi.

Para o Norte da Ilha, outro bote trancou uma baleia. Esta era grande. Nós iam lançá-la, ela vira a cabeça para o bote e enfiou o carrinho (queixo) dentro do barco e rompeu o tabuado.

Os cinco marinheiros fugiram todos para o pé de mim. Ficaram como os pintos à volta da galinha, com medo. Só ficou à proa o arpoador que lá conseguiu meter-lhe o remo na bôca e carregar o carrinho para fora do bote. Essa mesma baleia partiu nesse dia dois botes nas mesmas circunstâncias, embora nêles não metesse lá dentro o carrinho.

Mesmo assim, os dois barcos ficaram inutilizados, e com o nosso bote e mais outro que estava inteiro, é que conseguimos matar a baleia.

Um de cada lado, para que ela não tivesse tempo de se virar, e afiravam as duas lanças à uma. Foi o velho mestre Joaquim Machado das Vinhas que teve esta lembrança. Se não fôsse êle, os botes perdiam-se ali todos. Mas assim ficámos com a baleia, e era grande, talvez 20 metros de comprido.

Quando estamos no mar, às vezes as coisas andam mal e o perigo amostra-se. Promete-se um casco de azeite à Senhora

da Ajuda para nos livrar, e sempre nos tem livrado.

De tôdas as baleias que se matam, tiram-se para a festa do Santinho, do Senhor Corpo Santo (S. Pedro Gonçalves), cinqüenta escudos, direito dos pescadores. A importância sai do monte, tirada como despesa. Feitas as despesas tôdas, é que se parte o resto.

—O mestre Vital gosta muito da vida do mar...

—Oh! gostar, senhor! É a necessidade que obriga... Se eu tivesse uns duzentos escudos (por mês), deixava-me disso. É a nossa vida sempre a andar sôbre a sepultura...

Concordei em amargo silêncio que ao velho e heróico marinheiro terá parecido humilhante, para logo concluir:

—Mas olhe, senhor, talvez não! Mesmo com os duzentos escudos, sempre iria—para divertimento!...

Ouvindo narrar tais episódios de audácia e temeridade nesta cantada e

sugestiva fala dos ilhéus, senti e compreendi bem quanto para reproduzir tão viva exposição, seria inútil e vã a minha escassa literatura.

Separei-me de mestre Vital com pena, porque não me cansaria de escutar outros capítulos da sua biografia de exemplar baleeiro, apostado até à morte.

E para sinal do seu reconhecimento ao meu interêsse pela vida do mar dos Açores, entregou-me à hora da despedida um lindo troféu das suas façanhas, o dente de um cachalote, arpoado por sua mão.

Obrigado, mestre Vital, príncipe e rei de francadores de baleias!

Muito obrigado!

10 de Junho.

VOZ DA TERRA

É preciso conhecer também o obscuro labor dos homens do campo, ouvir-lhes o segredo da jardinagem da Ilha. Nesta

canseira de dar e pedir à terra o que ela muitas vezes se recusa a conceder, não se conhecem lances trágicos, nem nos olhos dos rurais passam infiltrações de heroísmo. Assim, enquanto os marítimos falam como lutadores, os campónios mais parecem doces e resignados penitentes.

Aqui depõe Manuel da Cunha Santos, de 62 anos, lavrador e também baleeiro, pois quási tôda a população utiliza recursos de economia anfíbia, vivendo da terra e do mar.

E logo começa:

—Sou rendeiro de terras de trigo e de milho. A gente põe a terra de camalhão, e deixa-se estar para ali quinze dias, três semanas, conforme o tempo o dá. Voltamos a terra e gradamo-la, e tornamos a refender o mesmo camalhão.

Ainda gradamos novamente a mesma terra, já não pelos regos, mas lavramos de ponta alevantada. Fica o campo dessa

forma quinze dias, um mês, conforme o tempo manda.

Depois vamos a ela, gradamo-la, botamos-lhe no fim de Novembro o trigo, semeado a montão (a lanço), e lavramos a terra miúda, para cobrir a semente. Quando a terra é em ladeiras, fazem-se alguns regos para conter e escoar a água da seara.

Se a sementeira é em Janeiro ou Fevereiro, então a lavra miúda ainda é gradada para desfazer os torrões, e então o trigo poder nascer.

Quando cria monda (erva), é todo mondado com a mão.

A adubação faz-se com sargaço (alga do mar) ou com tremoço, semeado logo em Setembro e enterrado na primeira lavra. Mas a terra assim adubada só se lavra na ocasião em que se semeia o trigo, para estar nela o tremoço a curtir.

A debulha faz-se com gado vacaído, à roda, com trilho atrelado e a própria grade. A partilha, na eira, é feita pelo têrço para o lavrador e dois para o pro-

prietário. Se o estrume fôr de sargaço, é o proprietário que o paga, sendo o carreto à custa do lavrador. Se é de tremoço, então o rendeiro que o semeia dá a semente. Aqui, as rendas a géneros são por alqueires de trigo ou de cevada, valendo cada dois desta um de trigo.

No mês de Setembro, semeia-se na terra tremoço, fava ou charão (cizirão).

Deixa-se estar para ali, até Fevereiro. Neste mês lavra-se a terra, enterrando a planta do adubo. Depois, ao cabo de quinze dias, vinte dias, torna-se a lavar outra vez. Grada-se e deixa-se ficar gradada. Ao cabo de outro tanto tempo, mais ou menos, torna-se a lavar e a gradar.

Deixa-se ficar, para aquêle estrume ir apodrecendo. Daí a outro tanto tempo, vai-se levantar a terra para semear o milho. A adubação é à custa do proprietário, a não ser que seja de plantas criadas na terra, como acontece para o trigo.

Abre-se o rêgo, deita-se à mão o milho no fundo do rêgo, com o arado atrás a cobrir, uma cobertura leve. Antes de êle nascer, para os ratos não o tirarem, grada-se a terra e êle cresce. Ou então, depois de nascer na cobertura leve e de o sachar, lavram-se os camalhões para junto da planta, para lhe garantir a frescura por mais tempo.

Sacha-se a primeira vez, e então, quando está crescido, lava-se nos camalhões para junto da planta, para lhe conservar a umidade. Deixa-se estar para ali dez, doze dias, conforme; mete-se a êsse rêgo o sachador americano (já se fazem cá), com umas pàzinhas. Feito isto, torna-se-lhe a passar o sacho que é a derradeira vez. Colhe-se em Setembro. Monta-se em burras (armações) feitas sôbre pés direitos de cimento armado, e o milho ali fica com a fôlha todo o inverno. Vai-se tirando e debulhando, à medida que se precisa dêle. Assim se conserva melhor do que fechado nos granéis.

As maçarocas que não são bem fechadas de fôlha, descamisam-se e dependuram-se em casa, com o grão à vista.

O milho debulha-se num engenho americano, ou à mão o debulham os pobres. A partilha faz-se na eira. A semente é sempre fornecida pelo lavrador e não se desconta no monte.

A vinha cultiva-se em currais ou cerrados, por causa do vento. Planta-se brava. Enxerta-se ao fim de um ano. Cava-se de Dezembro até Março.

Depois da cavada, poda-se. Rebenta, abaixa-se para a terra, pondo-lhe pedras nas varas para evitar o vento. Deixam-se estar baixas e sulfata-se, primeira vezada logo. Depois rapa-se, para a livrar de alguma erva. Enxofra-se em Maio e Junho. Torna-se a rapar a erva.

Depois levanta-se, assentando as varas nas mesmas pedras, ou até em canas, na vinha de cheiro. Depois, é preciso desfolhar, para o sol dar nas uvas.

Enxofra-se outra vez. Vindima-se em Agosto. Pisa-se a uva em lagares, com os pés. Fermenta em pipas. Daí a um mês, tira-se a borra, o vinho clareia e pode-se beber.

A parceria do vinho é geralmente do têrço. As despesas de adubação são por conta do proprietário, e dêste são também as vasilhas para transportar as uvas e preparar o vinho.

O vinho que aqui se produz, é de duas espécies: o finto, chamado de cheiro, e o branco que é mais alcoólico.

Não vivemos contentes. Passam-se trabalhos e sacrifícios para ganhar um vintém. Muitos valem-se da América. Nunca lá fui. A minha América é uma mulher doente, há doze anos... Mas vem-me pena de não ter ido para lá. Talvez tivesse arranjado alguma coisa. Nesta idade, tenho só o meu braço. O que vale é a baleia. Ainda o ano passado deu quatrocentos e tal escudos a cada marinheiro.

A terra é só o que lhe disse, com todos os trabalhos que o senhor ouviu.

Se não queré mais nada de mim...

—Quero agradecer-lhe e desejar-lhe muitas felicidades.

—Melhor sorte lhe dê Deus...

11 de Junho.